

Empresa social ganha força no país

Bruna Borges

Iniciativas promovem inclusão com rentabilidade, mas sem incentivo

Existem empresas lucrativas que investem em responsabilidade social com ações isoladas. Há outras - organizações do terceiro setor sem fins lucrativos - que também têm o intuito de promover a inclusão, mas cuja sustentabilidade depende de doação.

Nos últimos anos, um misto das duas iniciativas tem crescido, apontam especialistas ouvidos pela Folha.

São os negócios sociais, cuja atividade central é produzir para solucionar problemas sociais ou ambientais, utilizando mecanismos de mercado e tornando o empreendimento rentável.

"O plano social faz cada vez mais parte da pauta do plano de negócios, em especial nos últimos cinco anos", afirma Graziella Comini, professora de administração de empresas da USP (Universidade de São Paulo).

Como no caso da iniciativa do engenheiro Fernando Gil, 28, e da sócia, Nathalia Sautchuk, 25, que desenvolveram um aparelho para cegos que identifica notas de dinheiro.

Fundada em 2009, a Auire teve investimento de R\$ 20 mil e deve faturar neste ano cerca de R\$ 700 mil.

"Vamos lucrar disponibilizando a melhor qualidade a preços baixos porque utilizamos tecnologia e fornecedor brasileiros", diz Gil.

Apesar de empresas como a Auire contribuírem para a inclusão social, sob o aspecto tributário, não há legislação específica para o modelo de negócio no Brasil.

"Se uma empresa que gera benefício para a sociedade tem a mesma carga tributária que outra que só visa ao lucro, não há estímulo a novas empresas sociais", diz a advogada Flávia de Souza Oliveira, especializada no tema.

Ela cita os casos dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Austrália, que, nos últimos dez anos, aprovaram leis de redução de impostos para empresas sociais.

Empresário de São Paulo lucra com entulho da construção civil

DE SÃO PAULO - Para empresas da construção civil, o descarte do entulho é um problema. É preciso pagar para que o conteúdo das caçambas seja eliminado em aterros. Para o empresário Gilberto Meirelles, 43, esses resíduos dão lucro.

Ele fatura de duas maneiras: no recolhimento do entulho em seus dois aterros em São Paulo e na sua fábrica, a Estação Resgate, de produtos reciclados, que ajudam a abastecer a aquecida indústria da construção civil. Ele produz areia, brita e bica corrida (material utilizado para fazer estradas) a partir do concreto recolhido no entulho.

Foi necessário um investimento de cerca de R\$ 2,5 milhões para maquinário e compra do espaço de aterro. Hoje, fatura cerca de R\$ 120 mil por mês e fornece selos de qualidade "Eu Reciclo Entulho" a seus fornecedores.

"Um dos desafios é convencer pessoas de que o produto reciclado tem qualidade igual à dos outros", conta Meirelles.

Ele pretende instalar mais unidades em São Paulo e no restante do país por meio de franquias. "Assim, caminhões percorrem caminhos menores no transporte de entulho e a emissão de CO2 é reduzida."

FICHA TÉCNICA

INVESTIMENTO

R\$ 2,5 milhões por aterro

FATURAMENTO

R\$ 120 mil ao mês por aterro

PERSPECTIVA

Dobrar o faturamento a cada dois anos e inaugurar três unidades por ano

Sistema aumenta controle de uso da água e diminui desperdícios

DE SÃO PAULO - Com um desperdício médio de 52% de água tratada ao ano, o Brasil figura como um dos países que mais perdem esse recurso durante seu processo de tratamento.

Pensando em reduzir o índice, a Nexus, empresa de softwares especializada em processos de saneamento básico, desenvolveu software livre em que é possível cadastrar a rede de saneamento e aumentar o controle do desperdício.

"São perdidos R\$ 10 bilhões por ano em vazamento, medição equivocada do hidrômetro e roubo. O maior controle da rede de distribuição combate desvios no processo", diz o sócio José Maria Pinheiro.

Para viabilizar a criação do sistema, a Nexus conseguiu R\$ 1,14 milhão em financiamentos de três instituições de fomento à pesquisa .

Em troca, a partir de dezembro, implantará o software no site do Ministério das Cidades para que empresas de saneamento possam aplicá-lo.

Questionado pela Folha sobre como irá faturar com o software livre, Pinheiro afirma que oferecerá consultoria para a implantação e a manutenção da ferramenta. "Trabalho em rede é tendência e acreditamos que seja muito lucrativo."

FICHA TÉCNICA

INVESTIMENTO

R\$ 3 milhões

FATURAMENTO

R\$ 650 mil ao ano

PERSPECTIVA Ter faturamento de R\$ 1,5 milhão em 2011 e dobrar o valor a cada ano

Atacadista do Paraná une pequenos produtores a grandes varejistas

DE SÃO PAULO - A Solidarium, criada por Rodrigo de Mélo, finalista do Prêmio Empreendedor Social 2008, parceria da Folha e da Fundação Schwab, comercializa artigos de moda e decoração e com pouco mais de dois anos, já fornece para Walmart, Renner e Tok&Stok.

Instalada em Curitiba, a empresa estabelece a conexão entre 1.340 pequenos produtores de baixa renda e varejistas, eliminando intermediários e garantindo preços que cubram custos e permitam margem para investimento.

"Quero trabalhar com algo que me inspire, por isso resolvi ajudar pequenos produtores a ganhar projeção em escala. Mas quero lucrar com isso também", conta o administrador Tiago Dalvi, 24, diretor-executivo e sócio-fundador.

Com a parceria com grandes varejistas, abastece 300 pontos de venda no país. A meta para 2011 é saltar de 400 para 2.000 itens no e-commerce da loja virtual do Walmart.

FICHA TÉCNICA

INVESTIMENTO

R\$ 190 mil

FATURAMENTO

R\$ 340 mil ao ano

PERSPECTIVA

Ter faturamento de R\$ 1 milhão em 2011 e dobrar o valor a cada ano seguinte

Arquitetas fazem projetos a preço acessível na periferia de Campinas

DE SÃO PAULO - Insatisfeitas com a demora da efetivação dos projetos urbanísticos do setor público, as arquitetas Joice Genaro, 30, e Daniela Zacardi, 36, criaram, em 2008, a Arquitetas da Comunidade, uma empresa que presta serviços a preços acessíveis para moradores da periferia de Campinas (a 93 km de São Paulo).

"Queríamos ajudar na remodelação de moradias", explica Genaro. Elas oferecem planejamento e acompanhamento da construção de espaços comuns e de casas.

A intenção é reduzir o desperdício de material e o consumo de energia e melhorar as condições de saúde e segurança de moradores.

Para ser mais acessível, o pagamento é parcelado e pode ser feito em lojas de material de construção parceiras da Arquitetas da Comunidade.

Atualmente, os projetos cobrem apenas 60% dos custos. A projeção é que o negócio seja sustentável em 2011.

FICHA TÉCNICA

INVESTIMENTO

R\$ 70 mil

FATURAMENTO

R\$ 50 mil ao ano

PERSPECTIVA

Tornar-se sustentável em 2011; atualmente o negócio cobre 60% dos custos

Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 24 out. 2010, Negócios, p. 1, 2 e 3.